

# **Criação literária, Língua materna e Eu**

Henrique Barroso

[hbarroso@ilch.uminho.pt](mailto:hbarroso@ilch.uminho.pt)

(Docente de Linguística Portuguesa na Universidade do Minho)

## **1. Criação literária: momento primeiro e caracterização**

Encetei esta actividade na juventude e não, como habitual ou frequentemente acontece, na adolescência. Exerço-a de modo irregular, isto é, não escrevo todos os dias e tão-pouco fico à espera, sentado, que me ocorra um alinhamento de versos a que se pode chamar 'poema'. Não. Normalmente, quando e porque qualquer coisa mexe comigo, acontecem-me mais sinapses que desembocam, não sempre mas quase, em poemas que saem já praticamente construídos da mente, limitando-me, na generalidade dos casos, a tomar nota dessas sequências de palavras/ideias ou, inversamente, ideias/palavras que, a não registar, diluir-se-iam.

Escrevo por necessidades e/ou impulsos vários, sobretudo para perceber a existência, mas também (muito frequentemente) para a distrair.

## **2. Divulgação da produção literária: meios**

Para dar a conhecer o que escrevo, empreendi primeiro a seguinte acção: fui batendo, sem desistir nunca, a várias portas, até que uma acabou por se abrir – isto, e para já, em relação ao primeiro e único volume de poemas publicado (*Pondras de Pedras Soltas*. Braga: Calidum). Para além deste meio (para mim, o suporte por excelência), outros poemas têm sido divulgados na imprensa (*Diário do Minho/Braga*, por exemplo), em periódicos literários (*Poetas & Trovadores/Guimarães*) e, uma vez (caso único), um poema foi publicado na sequência de um prémio atribuído num concurso literário (*Concurso Nacional de Poesia Agostinho Gomes – A Escrita dos Outros*. Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis – Pelouro da Cultura, Novembro de 2004).

## **3. Língua materna e Criação literária: uma relação umbilical**

A formação inicial (a dos Ensinos Básico e Secundário) combinada com a subsequente informação e, ainda, a formação em Estudos Clássicos e Portugueses contribuíram/contribuem necessariamente para uma produção (literária ou de outra natureza) mais rigorosa, mais criteriosa, enfim, com maior mestria.

A prática da Leitura no processo de Ensino/Aprendizagem da Língua Materna é crucial, quer dizer, ler, ler muito, ler textos variados (tipológica e tematicamente) e ler “bons” autores representa uma capitalização sem igual: é que, desta forma, compreende-se melhor o mundo, a começar pelo que está à nossa volta, pelo que nos é próximo ou familiar. Por outras palavras: as janelas dos sentidos (visão, audição, etc.) abrem-se para o mundo tentando percebê-lo, isto é, dando-lhe linguisticamente sentido(s).

Apesar de ter pontualmente escrito noutras línguas (um poema em alemão e dois em francês), é em Português que mais e melhor consigo dizer o que sinto. Aliás, estou convencido de que é apenas na Língua Materna que se é capaz de apontar para e/ou dizer todos os sentidos, tanto os *expressivos* quanto os de *conteúdo* (Hjelmslev, Eco), ou seja, os que têm a ver, por um lado, com o aproveitamento do material significante e, por outro, com a explosão de sentidos que emanam desse mesmo significante. A Língua Materna é, pois, o instrumento que melhor penetra (implicitando ou explicitando-os) nos meandros das duas tipologias de *sentido*.

Braga, 9 de Abril de 2008